ADUR-RJ

Professores discutem perspectivas para a Universidade

Do reportagem Local

Quais são as perspectivas para a Universidade e para os que ela formará até o final deste século, e que tipo de Universidade convém ao Brasil foram alguns dos assuntos debatidos pelos participantes do debate "Universidade e Sociedade", realizado no último dia 12, no auditório da Folha, à alameda Barão de Limeira, 425, 9º andar, Campos Elíseos (região central de São Paulo). O encontro foi uma promoção deste jornal, da Universidade de São Paulo (USP) e do Comitê Internacional de Estudos sobre a Sociedade Contemporânea, órgão vinculado ao Ministério da Educação da Itália.

O debate contou com a participação dos professores italianos Saverio Avveduto (filósofo e diretor-geral do Ministério da Educação da Itália) e Riccardo Campa (da Universidade de Nápoles), do reitor da USP, José Goldemberg, dos professores Boris Schnaiderman e Antônio Cândido de Mello e Souza (ambos aposentados da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas-FFCLH da USP) e do senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP). A professora Aurora Bernardini, da FFLCH-USP, uma das organizadoras do debate, fez a tradução do italiano. O mediador foi o coordenador da seção Tendências/Debates (pág. 3) e dos eventos da Folha, Sílvio Cioffi.

Para o reitor da USP, a Universidade tem de levar em conta que a sociedade brasileira é bastante heterogênea, podendo-se falar em dois "Brasis", um relativamente desenvolvido e outro muito carente. A USP, para seu reitor, está basicamente voltada para atender as necessidades deste "Brasil" mais afluente. Já o professor Antônio Cândido afirmou que é preciso fazer uma Universidade que atinja o maior número possível de pessoas.

O senador Fernando Henrique Cardoso enfatizou a questão da distribuição do poder na sociedade contemporânea, que envolve a Universidade, como produtora que é de cultura e tecnologia. Para o professor Riccardo Campa, a Universidade tem duas tarefas básicas, a criação de uma visão do mundo e a profissionalização, cujo relacionamento nem sempre é o que se espera. O professor Saverio Avveduto fez previsões sobre o tipo de profissional que as universidades formarão no fim do século. Ele acha que as profissões mais intelectuais tendem a ter seus níveis de remuneração diminuídos.

O professor Schnaiderman acha importante a preocupação com a responsabilidade da Universidade em relação à sociedade, mas disse que isso não pode ser traduzido em restrições à criação de novas idéias por imposição de um imediatismo.

A seguir, alguns trechos do debate, que foi transmitido na íntegra pela rádio USP-FM (93,7 mHz), na terça-feira passada, no programa "Debates Folha".

"O aparente elitismo da

Fotos Vidal Cavalcante

José Goldemberg

O físico José Goldemberg, 57, é reitor da Universidade de São Paulo desde janeiro deste ano. Foi diretor do Instituto de Física da USP, presidiu a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e a Cesp (Companhia Energética do Estado de São Paulo).

Riccardo Campa

Riccardo Campa, 52, é filósofo e historiador, dirige o Instituto Histórico-Político da Universidade de Nápoles e preside o Comitê Internacional de Estudos sobre a Sociedade Contemporânea. É autor do livro "A Época das Incertezas e as Transformações do Estado Contemporâneo".

Saverio Avveduto

Saverio Avveduto, 62, é filósofo e exerce a função de diretor-geral do Ministério da Educação italiano desde 1971. A partir do ano de 1978 tornou-se responsável pela direção-geral de intercâmbio cultural com países estrangeiros. É também autor de diversos livros em sua especialidade.

Boris Schnaiderman

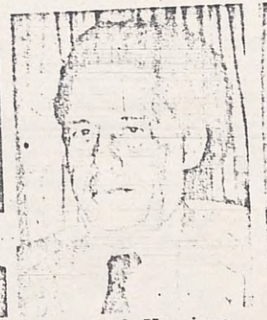
Boris Schnaiderman, 69, é professor aposentado da Universidade de São Paulo, e um dos fundadores do curso de Russo de sua Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Fez a tradução e organização, com Haroldo e Augusto de Campos, de "Poesia Russa Moderna/Nova Antologia" (1985).

Aurora Bernardini

Aurora Bernardini, 44, é professora-adjunta do Departamento de Linguística e Línguas Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Traduziu para o português "O Nome da Rosa", de autoria do escritor italiano Umberto Eco.

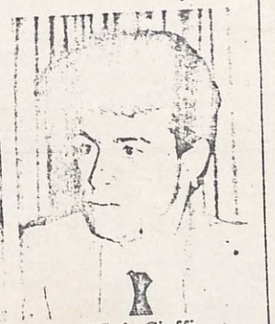
Antônio Cândido

Antônio Cândido, 67, crítico e ensaísta, é professor aposentado de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo. Publicou uma série de obras e ensaios sobre literatura, com destaque para o clássico "Formação da Literatura Brasileira" (1959).



Fernando Henrique

Fernando Henrique Cardoso, 54, é sociólogo e senador pelo PMDB de São Paulo. Em 1968, foi afastado da Universidade de São Paulo, por força do Ato Institucional nº 5. Escreveu diversos livros, como "Dependência e Desenvolvimento na América Latina", publicado em 1967.



Sílvio Cioffi

Sílvio Cioffi, 25, é coordenador da seção "Tendências/Debates" (página 3) da Folha, das seções "Economia em Debate", "Comércio Exterior em Debate" e dos eventos da Folha.

Portanto, nós não podemos passar sem o atendimento que a população do "Brasil um", à qual a maioria de nós pertence, exige. Essa é uma situação que parece retratar uma realidade existente aqui no Brasil e da qual não podemos fugir. E o que eu acabei me convencendo é de que um país, mesmo um país com vinte milhões de habitantes, quer dizer, o contemporânea. E isto é uma realidade. Nos distintos países submetidos a essa dinâmica da sociedade contemporânea existe uma relação muito grande entre a universidade e o Estado, e é exatamente por aí que se faz a ligação com o poder e também diretamente entre a universidade e a economia. Se as sociedades não são socialistas, a universidade tem uma

Eu creio que as universidades têm que promover dois tipos de intervenções, digamos assim, têm que ter dois papéis: o papel mais importante, que é o mais contundente, é o da profissionalização, que eu contesto profundamente. A universidade tem que responder estas necessidades profissionais, mas, sobretudo, a universidade é a visão, a "Weltanschauung" de uma comunidade, de um

devem criar idéias. Enfim, são temas que merecem uma reflexão maior.

Saverio Avveduto — Há uma coisa que me parece extremamente importante, que é como a universidade deve fazer frente ao futuro próximo, digamos, nos próximos quinze anos. Eu escrevi um livrinho que o Instituto de Cultura Italiana do seu país, de São Paulo, traduziu para o português e que está à disposição de quem dizendo que se verificará aquilo que lhes estou falando, mas, é muito provável. A sociedade nos próximos quinze anos conhecerá certamente um número maior de adeptos das mais altas profissões, mas um número incrivelmente mais alto de pessoas que terão que contentar-se com empregos modestos. As profissões intelectuais não terão, no futuro, grande remuneração. Como este problema poderá se refletir no seu país é, certamente, um capítulo que não me compete explorar.

Aurora Bernardini — Eu tive a impressão que a platéia já entendeu tudo, mas de qualquer maneira, como nós tínhamos combinado, eu vou fazer —tentar fazer— um apanhado das anotações que eu fiz durante a apresentação do professor Avedutto, que é autor de um livro que ele colocou à disposição do auditório e dos interessados, que se chama, justamente, "Os Próximos 6.000 Dias". E neste livro ele estuda a relação entre formação e trabalho, baseado numa série de estudos atualizados, que mostram qual será justamente a relação entre formação universitária e demanda social, ou seja, que tipo de profissões terão possibilidades de serem praticadas até o ano 2000 e que tipo de profissões, ao contrário, estão praticamente fadadas a desaparecer. Dentro dessa problemática, ele apresentou a sua exposição, sendo que deu alguns exemplos de profissões que terão uma grande solicitação. As profissões que ele considera que serão extremamente solicitadas se referem à formação média, serviços sociais, serviços de atendimento e profissões que impliquem numa formação altamente especializada, altos estudos. A grande maioria das outras profissões continuarão, porém, em baixa.

"Universidades são tratadas como se só existissem professores"

Antônio Cândido — A vantagem de ser o último a falar é que os companheiros que precedem dizem o essencial, de maneira que, praticamente, eu estou dispensado de entrar nas considerações que eles fizeram e que, como os senhores puderam ver, foram abordando sucessivamente os problemas fundamentais da universidade do nosso tempo desde o problema dos tipos e modelos de universidade, da relação da universidade com a comunidade, da relação do avanço técnico e científico com as necessidades da sociedade e, finalmente, o problema do futuro daqueles que se formam na universidade. Deixando este campo mais geral, eu gostaria de me ater a problemas mais particulares das universidades que eu conheço e que são aquelas nas quais eu posso ver refletidos os problemas gerais que foram abordados pelos meus companheiros. Essas universidades são as universidades oficiais do Estado de São Paulo. Eu diria que, para que nós possamos enfocar corretamente problemas

o tipo de profissional que as universidades formarão no fim do século. Ele acha que as profissões mais intelectuais tendem a ter seus níveis de remuneração diminuídos.

O professor Schnaiderman acha importante a preocupação com a responsabilidade da Universidade em relação à sociedade, mas disse que isso não pode ser traduzido em restrições à criação de novas idéias por imposição de um imediatismo.

A seguir, alguns trechos do debate, que foi transmitido na íntegra pela rádio USP-FM (93,7 mHz), na terça-feira passada, no programa "Debates Folha".

sora adjunta do Departamento de Linguística e Línguas Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Traduziu para o português "O Nome da Rosa", de autoria do escritor italiano Umberto Eco.

de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo. Publicou uma série de obras e ensaios sobre literatura, com destaque para o clássico "Formação da Literatura Brasileira" (1959).

de São Paulo. Em 1968, foi afastado da Universidade de São Paulo, por força do Ato Institucional nº 5. Escreveu diversos livros, como "Dependência e Desenvolvimento na América Latina", publicado em 1967.

(página 3) da Folha, ... "Economia em Debate", "Comércio Exterior em Debate" e dos eventos da Folha.

"O aparente elitismo da USP não é tão odioso assim"

Sílvio Cioffi — Eu gostaria de agradecer, em nome da Folha, ao Comitê Internacional de Estudos sobre a Sociedade Contemporânea e à Universidade de São Paulo, organizadores deste debate "Universidade e Sociedade". Eu queria pedir ao professor José Goldemberg, reitor da Universidade de São Paulo, que desse início ao debate.

José Goldemberg — O tema que nos reúne hoje aqui é o da Universidade no mundo contemporâneo. Gostaria de relatar aos colegas aqui presentes a minha experiência como reitor da maior universidade brasileira, em meados da década dos 80, isto é, a quinze anos do ano 2000. Os problemas com que se defronta um reitor de universidade brasileira não diferem muito dos problemas que enfrenta qualquer homem público, que tenha responsabilidade por gerir setores da sociedade brasileira. E o que se passa é que a sociedade brasileira é extremamente heterogênea e é preciso tomar decisões todos os dias sobre para quem, para que setor da sociedade brasileira que nós estamos trabalhando. Eu já conhecia essa dicotomia dos dois Brasis e que já foi objeto de tantos estudos em outras áreas, sobretudo na área econômica e até na área energética, que é a área com a qual eu trabalhava até recentemente. E o que me surpreendeu muito foi encontrar dentro da universidade uma situação análoga a esta. E a Universidade de São Paulo, que é uma universidade do governo do Estado de São Paulo, relativamente bem dotada de recursos, ela é claramente uma universidade organizada para o "Brasil um", isto é, o Brasil afluente,

"É preciso decidir para quem nós estamos trabalhando"

que existe dentro do nosso país. Ela seleciona os melhores alunos que existem aqui no país e forma, de maneira correspondente, os melhores profissionais. É, dizendo as coisas desse jeito, a gente imediatamente fica com um certo ódio do aparente elitismo da Universidade de São Paulo. Esse elitismo não é tão odioso assim, porque quando nós ficamos doentes, nós queremos um médico que nos trate adequadamente. A USP é claramente uma sociedade voltada para o "Brasil um". E o "Brasil um" tem, pelo menos, vinte milhões de habitantes. Portanto, sozinho, o "Brasil um" é um grande país. Tem o dobro da população da Suécia, sete vezes a de Israel e a metade da

Portanto, nós não podemos passar sem o atendimento que a população do "Brasil um", à qual a maioria de nós pertence, exige. Essa é uma situação que parece retratar uma realidade existente aqui no Brasil e da qual não podemos fugir. E o que eu acabei me convencendo é de que um país, mesmo um país com vinte milhões de habitantes, quer dizer, o "Brasil um", com uma população que cresce evidentemente —porque esses vinte milhões crescem continuamente e tem crescido muito, sobretudo na época do milagre— necessita ter acesso a toda tecnologia moderna e, portanto, é, pela sua própria natureza, sofisticada. Ela quer televisão a cores, quer comunicação a jato, rápida, em suma, todas as amenidades da civilização moderna. A universidade é um instrumento para se obter isto. E é impossível dotar o Brasil todo de universidades desse nível. Mas, por outro lado, não é possível garantir nem a independência do país sem universidades de bom nível.

"Não se pode separar a produção do saber da distribuição do poder"

Fernando Henrique Cardoso — Eu queria seguir o tema aqui proposto que é o papel da Universidade na sociedade contemporânea. Existe, realmente, um papel diferente hoje para a universidade ou existe uma diferença maior entre a sociedade contemporânea e outras formas de sociedade? Não sei qual é o significado concreto que está sendo dado aqui à expressão sociedade contemporânea—, mas suponho que diga respeito ao estilo de sociedade que está intrinsecamente ligada à capacidade de produção de tecnologias novas e de modelos culturais novos, e a capacidade dessa produção com uma rapidez que, provavelmente, não teve paralelo na história da humanidade. Hoje, esta expressão aparentemente neutra —sociedade contemporânea— que não entra em detalhes sobre o tipo de sociedade, como ela se estrutura internamente, suponho que se refere ao fato de que, efetivamente, o modo de produção atual, seja nos países socialistas, seja nos países capitalistas, está intrinsecamente ligado à produção de tecnologias de conhecimentos e de modelos culturais novos. Portanto, é uma sociedade que depende, em larga medida, da criação de novas idéias, da capacidade de transformar essas novas idéias em fatores de produção e também da criação de novos valores, de novas utopias, se se quiser colocar nesses termos, e com muita rapidez. E, por consequência, se isto é verdade, os setores da sociedade que organizam o saber e a universidade são um setor fundamental e passam a ser parte constitutiva da sociedade contemporânea, quer dizer, passam a ser, ao mesmo tempo, condição de reprodução da sociedade e, por consequência, condição de poder. Não se pode separar a produção do saber da questão da distribuição do poder na sociedade contemporânea. E isto é uma realidade. Nos distintos países submetidos a essa dinâmica da sociedade contemporânea existe uma relação muito grande entre a universidade e o Estado, e é exatamente por aí que se faz a ligação com o poder e também diretamente entre a universidade e a economia. Se as sociedades não são socialistas, a universidade tem uma relação muito estreita com a empresa produtiva moderna. Na verdade, existe até mesmo uma certa distribuição de tarefas entre a universidade e a empresa.

Hoje a universidade passou a ser um fenômeno americano e soviético. Porque foi nos Estados Undos e é na União Soviética que houve esta integração maior entre a universidade e este tipo de sociedade, para o bem e para o mal. Eu acho que os que têm experiências de várias universidades —e eu, por azares da vida, tive de muitas universidades, algumas delas bastante conhecidas— podem comparar o que acontece com a Universidade de Cambridge, na Inglaterra, ou com a Universidade da Sorbonne, em Paris, com uma universidade como Berkeley ou como Princeton, que vão perceber que o modelo hoje é Berkeley e Princeton, a despeito das diferenças e até mesmo da oposição que existe em seguir aquele padrão. Isso com uma força de imantação enorme. Isso ocorre na América Latina toda também. Qualquer um que tenha tido uma experiência de trabalhar numa universidade nos Estados Unidos sabe que há uma continuidade grande entre o sistema produtivo e o sistema de distribuição da autoridade e de poderes e o sistema de produção de idéias. Há, portanto, uma implicação enorme entre a universidade e a sociedade contemporânea.

"Todos desejam a profissionalização, mas poucos vêem a cultura"

Riccardo Campa — Quero começar pelo papel da universidade na sociedade contemporânea, que já deslumbrou o senador Cardoso. Quer dizer, a universidade tem duas tarefas fundamentais: primeiro, a cultura; e o outro papel é a profissionalização. Esta equação é uma equação móvel e por conseguinte tem uma implicação social. A idéia é que todo mundo tem direito à cultura, mas nem todos têm o direito à profissionalização. Entretanto, no mundo moderno, se realizou o processo inverso: todos querem ter acesso à profissionalização e poucos se inteiram do grande problema da cultura. Em todas as Constituições modernas —por exemplo, na Constituição italiana— se diz que os cidadãos têm direito ao, podemos dizer, sentido crítico: saber exatamente o que querem fazer na sociedade, escolher os meios mais adequados para a realização de um programa do tipo que a comunidade considera pertinente, historicamente pertinente ao desenvolvimento da comunidade, e, ao mesmo tempo, a integração entre uma comunidade e as outras.

Eu creio que as universidades têm que promover dois tipos de intervenções, digamos assim, têm que ter dois papéis: o papel mais importante, que é o mais contundente, é o da profissionalização, que eu contesto profundamente. A universidade tem que responder estas necessidades profissionais, mas, sobretudo, a universidade é a visão, a "Weltanschauung" de uma comunidade, de um particular momento histórico, numa particular condição geográfica, em uma condição emocional e racional que possa promover uma transformação do mundo, porque, ao fim e ao cabo, o mundo será transformado através de uma visão orgânica da profissionalização. A uniformidade da profissionalização prevê uma visão unitária, homogênea, uniforme, unidimensional do mundo e já temos visto que essa visão unidimensional do mundo não funciona. Há sempre formas de reações violentas, conflitos violentos, que são religiosos à maneira tradicional, que são nacionalistas de baixíssimo nível e que não têm nenhum sentido em uma visão, essa sim, cósmica da humanidade.

"Preocupação com o rendimento se choca com a criação de idéias"

Boris Schnaiderman — Eu quero apenas fazer um pequeno comentário, retomando duas colocações do senador Fernando Henrique Cardoso. Ainda há pouco, ele falava da universidade como local onde tem que haver criação de novas idéias. E também da universidade como um espaço contínuo para a sociedade. Portanto, essa relação com a sociedade é uma relação permanente, necessária. Por outro lado, também falou da relação com a empresa, no que isso tem de positivo e no que tem de restritivo. Eu acho muito oportuna essa colocação e, no momento, em nossa universidade, eu acho que tem se frisado demais o aspecto restritivo. Há uma preocupação, às vezes mesquinha, imediatista, com o rendimento. A base disso pode ser muito sadia até, a preocupação com o fato de que a universidade é responsável perante a sociedade tem que ter um desempenho adequado. Tudo isso é muito sadio, mas há uma preocupação, às vezes, justamente no sentido restritivo. Houve uma comissão do MEC que estudou uma nova política para a educação superior brasileira, traçou normas, etc., mas essas às vezes foram compreendidas num sentido muito estreito. Atualmente, há uma preocupação de pesquisar quais são os cursos que têm um aproveitamento, quais são os que têm aproveitamento inexistente— até se usou esta expressão num relatório recente cujo resumo foi publicado na Folha (reportagem publicada na edição de 10 de maio). Na realidade, é um levantamento, assim como preocupação estatística. E essa preocupação imediatista às vezes se choca com essa outra função da universidade, da criação de novas idéias, da universidade como o espaço onde se deve pensar, onde se devem criar idéias. Enfim, são temas que merecem uma reflexão maior.

Saverio Avveduto — Há uma coisa que me parece extremamente importante, que é como a universidade deve fazer frente ao futuro próximo, digamos, nos próximos quinze anos. Eu escrevi um livrinho que o Instituto de Cultura Italiana do seu país, de São Paulo, traduziu para o português e que está à disposição de quem desejar, numa tentativa de compreender como poderão evoluir as sociedades contemporâneas de agora até o ano 2000. No fundo, sr. reitor, o que interessa aos nossos jovens é compreender que coisas lhes caberão nos próximos dez anos, nos próximos quinze anos. Como deverão colocar-se profissionalmente nos próximos dez ou quinze anos. Que coisa poderá acontecer com sua vida profissional e intelectual? É uma coisa na qual, pelo menos nas universidades européias, devo dizer também nas universidades italianas, se pensa pouco. E é um grande mal isso. Desejo mencionar-lhes o caso de uma lei da República Italiana, que continha uma pequena reforma da universidade italiana. É feita de onze artigos, estes onze artigos abrangem a carreira dos professores, os salários dos professores, o recrutamento dos professores e os postos de concurso pelos professores. A palavra estudante, nessa lei, em onze artigos, encontra-se somente três vezes. Compreendem? Três vezes em onze artigos da lei. Nós —me refiro à classe dirigente italiana, certamente não à de vocês, que espero seja muito mais atenta do que a nossa— não, eu, devo fazer um ato de contrição, porque muitas vezes digo nós, porque eu também trabalho em tempo parcial como professor universitário, nós, muitas vezes, concebemos a universidade como uma comunidade docente. Certo, eles são também estudantes, mas, me parece que, pelo menos na Europa, a atenção pelo mundo dos estudantes é escassa. O que significa uma universidade para estudantes? Significa, dar-se conta, por exemplo, que nos próximos anos, algumas profissões que hoje estão em moda, serão completamente abolidas do progresso econômico. E, provavelmente, nós, na nossa universidade, preparamos para profissões que, nos próximos vinte anos, não existirão mais.

"Profissões intelectuais não terão, no futuro, grandes remunerações"

É como se uma fábrica de dinheiro, uma fábrica de moeda, fabricasse notas que quando fossem distribuidas à população, não tivessem valor. E agora a nossa responsabilidade é a de compreender quais profissões novas haverá no mundo do trabalho nos próximos anos. Assim, sobre este ponto, eu não tenho boas notícias para os jovens estudantes. E me aborrece, porque vejo no público presente, que os cabelos pretos são muito mais frequentes do que os cabelos brancos. A minha análise é, certamente, uma análise provisória, uma tentativa de análise. Não estou

foram abordando sucessivamente os problemas fundamentais da universidade do nosso tempo desde o problema dos tipos e modelos de universidade, da relação da universidade com a comunidade, da relação do avanço técnico e científico com as necessidades da sociedade e, finalmente, o problema do futuro daqueles que se formam na universidade. Deixando este campo mais geral, eu gostaria de me ater a problemas mais particulares das universidades que eu conheço e que são aquelas nas quais eu posso ver refletidos os problemas gerais que foram abordados pelos meus companheiros. Essas universidades são as universidades oficiais do Estado de São Paulo. Eu diria que, para que nós possamos enfocar corretamente problemas como os que foram colocados aqui, é necessário algo prévio, que, no entanto, é prévio apenas em teoria, na prática é concomitante, tem que ser feito ao mesmo tempo. Como organizar e estruturar a universidade que nós temos para tomar consciência e dar conta dos problemas que foram propostos aqui? Eu diria que, no nosso tempo, à luz das universidades que eu conheço, os problemas são, obviamente, de três tipos: em primeiro lugar, o problema do poder; em segundo lugar, o problema do saber; em terceiro lugar, o problema da relação.

"Motivos econômicos excluem a maioria da Universidade"

O problema do poder: Nós estamos com uma necessidade angustiosa de rever completamente o sistema de poder das universidades, mas nós não sabemos bem como. Por isso é que é preciso um grande esforço de boa vontade e de luta para que nós saibamos como fazer. Tradicionalmente —o professor Avedutto deu um exemplo interessante, baseado na legislação da Itália contemporânea— as universidades eram todas feitas para os alunos, mas tratadas como se só existissem os professores. Uma brincadeira entre os colegas era a seguinte: a gente pôs um bom seminário em discussão, com bibliografia nova, e a gente dizia que a universidade seria uma maravilha se não fossem os alunos. Sem os alunos a gente estava inteiramente à vontade. Só que a universidade são os alunos. Então, a necessidade que nós temos é de rever o poder da universidade, não passando apenas pelos professores, que sempre o detiveram, mas também por alunos e funcionários.

A maior parte da sociedade brasileira é excluída da universidade por impossibilidade econômica. O problema da relação da universidade com a sociedade não consiste, portanto, —penso eu— em fazer uma universidade para toda a população, isto é a própria negação do espírito da universidade do nosso tempo, não sei no futuro. Mas, fazer uma universidade que se aproxime, cada vez mais, do máximo recrutamento possível e independente da origem econômica e social das pessoas. Por isso, termina-se dizendo que o problema da relação da universidade com a sociedade depende muito do que a sociedade permite que a universidade faça, o que a sociedade quer que a universidade faça e dos recursos, que a sociedade pode lhe dar.